

Revista Superinteressante - Edição 296 - Out.2011

Os relatos mais impressionantes de reencarnação

<https://super.abril.com.br/comportamento/os-relatos-mais-impressionantes-de-reencarnacao>



Veja o que a ciência diz sobre pessoas que garantem se lembrar de vidas passadas.

Em sua última vida (ao menos das que tivemos notícia), Peter Hulme era um simples funcionário de bingo em Birmingham, Inglaterra.

No entanto, ele vivia às voltas com um sonho recorrente e dramático: nele, soldados que pareciam vindos do passado atacavam um castelo sempre inacessível.

Hulme não nutria maior interesse por história e jurava não ter ideia da origem de suas visões. Em busca de uma resposta, nos anos 90, submeteu-se a sessões de hipnose.

O resultado foi inusitado: concluiu que também tinha sido John Raphael, soldado escocês servindo a certo capitão Leverett na Escócia do Século 17.

Parecia uma fantasia, mesmo porque inexistiam registros históricos de uma batalha na região e nas circunstâncias descritas por Hulme.

Investigando por conta própria, ele e seu irmão Bob encontraram indícios da existência do castelo e, empolgados, resolveram viajar à Escócia em busca de provas.

Contra todas as expectativas, recuperaram resquícios de batalha no local apontado por Hulme – e, mergulhando em documentos antiquíssimos, acharam documentos que comprovam a existência de um capitão Leverett e do próprio John Raphael.

Com base nesses indícios, Peter Hulme afirmou até o fim da vida que suas memórias eram genuínas e ele era, de fato, a reencarnação de um soldado escocês.

O caso de Hulme não está acima de dúvidas: historiadores apontam inconsistências e contradições nas memórias do suposto reencarnado.

Mas o relato ilustra uma situação que ainda intriga a Ciência: pessoas que juram recordar experiências de vidas passadas, em detalhes às vezes desconcertantes para os cientistas.

A ideia de uma consciência que sobrevive à morte e reencarna em novos corpos é quase tão antiga quanto a fé em divindades e surgiu de forma independente em inúmeras culturas ao redor do planeta.

De todos os cantos do globo, encontrou na Ásia o terreno mais fértil.

A ideia está tão arraigada nas crenças hinduístas e budistas que, em lugares como Índia e Sri Lanka, a reencarnação é vista como algo quase natural.

Não é à toa que surgem de lá muito dos casos considerados mais sólidos pelos pesquisadores do tema – como o de Swarnlata Mishra, que desde os 3 anos recordava com riqueza de detalhes a vida de outra pessoa, chamada Biya e morta quase uma década antes.

A naturalidade com que Swarnlata tratava os integrantes de sua “outra” família, ao ponto de mencionar apelidos íntimos de gente que não conhecia pessoalmente, fez com que o caso virasse um clássico e deixa pesquisadores coçando a cabeça até hoje.

Mesmo no mundo ocidental, uma boa parcela da população acredita em reencarnações, um interesse que aumentou em alguns países após o surgimento do Espiritismo na França do Século 19.

Na Europa Ocidental, dados de 2006 apontam que 22% pensam que a reencarnação é uma realidade, enquanto nos EUA pesquisas falam em 20 a 25% de crença em vidas passadas.

Nas cidades do Ocidente, em especial no Brasil, a Doutrina Espírita tem grande penetração, e manifestações religiosas recentes, como a Cientologia, também levam as vidas passadas como parte de suas crenças.

A postura da Ciência diante disso tudo é de ceticismo.

A maioria dos cientistas trata os relatos de vidas passadas como frivolidades, frutos de autoindução ou fraudes.

Além disso, não existe nenhum indício científico de (*) que a “alma” exista ou de que ela possa sobreviver à morte do corpo (ela existiria de que forma entre uma encarnação e outra?).

(*) Um esclarecimento importante e necessário: se a assim chamada “ciência” só lida com a “matéria”, e não sendo o “espírito” composto de matéria tal como a conhecemos aqui no mundo físico, não cabe mesmo à Ciência ocupar-se com a “não-matéria”, de forma que os céticos e negadores sistemáticos não podem negar aquilo que não se consegue provar através de experimentos com a manipulação da matéria bruta, pois inexistência de prova material não significa que a coisa não exista.

Mas é claro que alguns pesquisadores pensam diferente.

Um dos mais destacados foi o psiquiatra Ian Stevenson (veja livro indicado abaixo), que dedicou mais de 40 anos ao estudo de quase 3 mil relatos de crianças ao redor do mundo.

Para Stevenson, a maioria das recordações infantis sobre vidas passadas envolve mortes violentas, com relatos iniciando entre 2 a 4 anos e quase sempre desaparecendo antes da adolescência.

Ele também estudou sinais de nascença e tumores, dizendo que podiam relevar ferimentos sofridos em vidas anteriores.

Em um estudo de 1.992, Stevenson cita 49 casos onde foram localizados documentos médicos de pessoas que as crianças diziam ter sido em vidas anteriores.

De acordo com o pesquisador, a correspondência entre ferimentos mortais e sinais físicos nos supostos reencarnados seria no mínimo satisfatória em 43 desses casos, 88% do total.

No entanto, o próprio Stevenson admitia uma grave lacuna: seus estudos não mostram como seria possível uma consciência sobreviver à morte física e ingressar no corpo de outra pessoa.

Seus livros são alvo de muitas críticas, que vão desde análise tendenciosa dos dados até uso de fontes não confiáveis, que já acreditavam em reencarnação antes dos supostos casos na família.

Ou seja, não existiria evidência de reencarnação além de depoimentos dos próprios reencarnados ou de indícios que, mesmo intrigantes, podem ser meras coincidências.

Mas alguns aspectos de supostas vidas passadas ainda são desconcertantes para a Ciência.

É o caso, por exemplo, da xenoglossia, uma capacidade súbita que algumas pessoas manifestam de falar, com diferentes graus de fluência, línguas que deveriam desconhecer.

Um dos casos mais marcantes é o de Iris Farczády, uma húngara de 16 anos que, no ano de 1.933, passou a agir como uma espanhola de 41 anos chamada Lucia, morta anos antes.

A suposta reencarnada esqueceu o Húngaro natal e passou a falar Espanhol fluente, nunca mais recuperando sua personalidade anterior.

O caso está registrado no livro *Paranormal Experience and Survival of Death* (Experiência paranormal e sobrevivência da morte), sem tradução para o Português, de Carl Becker, professor de Ética Médica da Universidade de Kyoto.

Para a maioria dos cientistas a história de Iris (ou Lucia) não passa de mais um caso de almanaque, mas há quem acredite que a comprovação científica da xenoglossia seria a prova definitiva de que a reencarnação é uma realidade.

É viver (uma ou mais vezes) para crer.

Esse conteúdo faz parte do especial Super Grandes Mistérios Edição 5.

Copyright © Abril Mídia SA - Todos os direitos reservados.